

VALE APENA LUTAR PELO QUE ESTÁ CERTO

Nos últimos anos, por um lado tem havido uma consolidação dos direitos da mulher, mas por outro vemos o ressurgimento do populismo, que traz por arrasto um discurso antifeminista. Festejemos as conquistas sem esquecer as ameaças.

Texto GISELA HENRIQUES



Neste mês estará de regresso ao pequeno ecrã a 3.ª temporada da série 'The Handmaid's Tale' (em Portugal ainda não se sabe a data exata). Uma série que arrebatou todos os prémios possíveis, recebeu forte aplauso da crítica e deixou a pensar muitas mulheres e homens que a seguiram. Indiferença é coisa que não provoca. Se não a conhece, fazemos um pequeno resumo. Trata-se de uma série americana inspirada no livro da escritora Margaret Atwood, 'História de uma Serva' (publicado no nosso país pela Bertrand), e que nos conta a história de June, que trabalha numa editora, casada e com uma filha, que de um dia para o outro se vê destituída de todos os seus direitos porque o governo do seu país é tomado de assalto por um grupo religioso extremista. De repente, esta mulher independente, autónoma, com emprego, conta bancária, vê-se a viver numa teocracia chamada Gileade, é despedida do emprego, cortam-lhe o acesso à sua conta

bancária, afastam-na do marido, tiram-lhe a filha e a identidade – o seu nome passa a ser Offred –, é obrigada a usar um vestido vermelho e um chapéu branco com abas e é feita escrava sexual de um dos líderes da teocracia em vigor, porque a sua mulher não consegue conceber um filho. Isto acontece a ela e a todas as mulheres férteis, as outras, ou são colocadas em locais de poluição extrema para tratar do lixo tóxico até morrer, ou são empregadas domésticas, ou ainda uma espécie de polícia de costumes que 'educam' as mulheres férteis para este nova 'vida'. As únicas 'privilegiadas' são as mulheres dos comandantes, que ainda assim estão proibidas de exercer qualquer profissão, de ler e escrever, e que podem apenas cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Ufa! Parece a descrição de um cenário aterrador... e é. Só que a opressão, brutal, não consegue domar o espírito daquelas mulheres, que não se resignam.

FICÇÃO E REALIDADE

Felizmente, esta história é ficção, ainda assim, atrevo-me a afirmar que não há mulher (nem muitos homens, esperemos) que ao assistir à série não sintam algum desconforto. Será porque, apesar desta obra ter sido criada em 1985 e da história se situar alguns

num futuro próximo, parece ter sido escrita nos dias que correm, inspirada no despontar de movimentos populistas? Esta estranha e desconfortável 'familiaridade' que sentimos ao ver 'The Handmaid's Tale' talvez seja também porque a autora diz que uma das suas regras "foi não incluir nenhum facto na história que não tivesse já acontecido". Se há algo que podemos concluir ao vê-la, é que de facto a Democracia não é indestrutível nem pode ser dada como garantida, como há uns anos pensávamos. Estamos longe, muito longe desta sociedade tipo Gileade, mas será esta distopia impossível de acontecer?

RETROCESSOS

Porque é que inicie o artigo com esta série? Porque ali a perda de direitos das mulheres é completa, um extremo a que muito dificilmente se pode chegar,

mas a verdade é que depois de anos de progresso temos visto que em alguns países democráticos tem havido um recuo nos direitos das mulheres. Para Ana Cristina Santos, socióloga, investigadora principal do CES (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) e doutorada em Estudos de Género, estas tentativas de retrocesso "são cíclicas, mas é importante

realçar que não é um equilíbrio de soma zero, em que a um direito conquistado corresponde um retrocesso. Os direitos das mulheres têm a ver com dignidade humana, com liberdade, igualdade e não discriminação. Sabemos que, historicamente, as mulheres, assim como outros grupos vulneráveis, foram sempre alvo de silenciamento, de invisibilidade, de opressão, e portanto a uma conquista corresponde sempre um período posterior de resistência a essa progressão cultural e social". Para a socióloga, todo o progresso que leva a que um determinado direito seja reconhecido implica haver uma pedagogia social, para que "a mudança vá ganhando raízes. Por isso, não parece possível imaginar que pudéssemos chegar a um cenário em que todos os direitos conquistados fossem destruídos no momento seguinte. Mas há quem se oponha e é a isso que assistimos agora, em que alguns setores conservadores, animados pelo populismo, encontraram nas questões da sexualidade e de género um filão para lançar um pânico social em torno dos costumes, em que dizem que os valores associados à família estão sob ataque. E isto acontece mesmo que não seja consubstanciado por nenhum facto, mas é assim que se espalham a ignorância e o preconceito, sem exigir validação a posteriori".

CONTRADIÇÕES

Então, como podemos dizer que esses partidos populistas ultraconservadores são antifeministas se vários até têm mulheres como líderes? "Precisamente para

acabar com esse tipo de acusação. Estes movimentos não são pouco inteligentes, têm recursos económicos e intelectuais poderosos que não podem ser minorizados. E é muito conveniente ter uma mulher como líder porque depois é fácil acabar com qualquer possibilidade de diálogo quando se questiona o machismo do partido", afirma a investigadora.

Há uns anos, as fileiras dos partidos de extrema direita eram sobretudo constituídas por homens, hoje procuram o apoio do público feminino pondo à frente do partido mulheres, como aconteceu na Alemanha com o AfD (Alternativa para a Alemanha), mas, ainda assim, é difícil fugir ao machismo entranhado naquelas forças políticas, que o diga Corinna Meizga. Quando foi eleita para o Parlamento Alemão em 2017 pelo AfD, Corinna ouviu um colega de bancada dizer-lhe que era mais adequado ela ir para dançarina de verão do que para deputada.

Essencialmente, os partidos populistas, tanto em França, com Marine Le Pen, como com Alice Weidel na Alemanha, ou Giorgia Meloni em Itália, ou Pia Kjaersgaard na Dinamarca, usam a fobia aos imigrantes como arma de arremesso para angariar votos. Lembra-se de ter circulado notícias de violações em massa por refugiados árabes nas passagens de ano de 2015-16 e 2016-2017, em Colónia e Frankfurt, respetivamente? Provavelmente lembra-se, pois esse tipo de notícia põe qualquer mulher em alerta. O que poucos se recordam é que essas notícias fo-

ram desmentidas pela polícia alemã depois dos casos serem investigados. Além disso, vários estudos revelaram que grande maioria de ataques a mulheres alemãs (inclusive os de violência doméstica) é perpetrada por homens alemães.

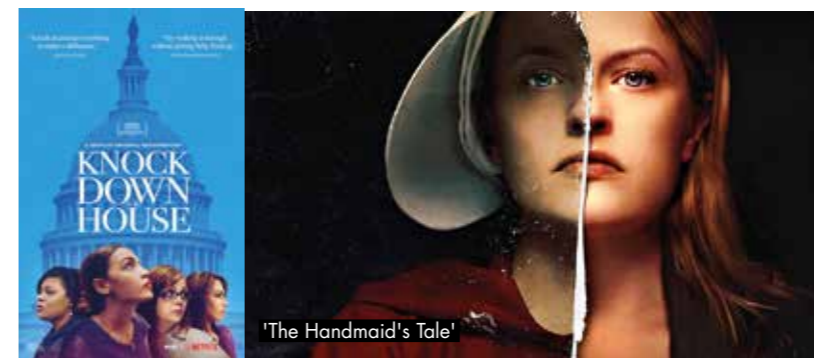
Laurie Penny, ensaísta e ativista inglesa, escreve um artigo na revista 'New Statesman' sobre esta nova moda dos ultraconservadores: "Donald Trump quer proteger os americanos brancos dos imigrantes mexicanos violadores, os partidos de extrema direita europeus reúnem-se contra a suposta ameaça islâmica às suas mulheres e filhas, os conservadores estão a colar-se ao rótulo de defensores das mulheres e raparigas. Mas quem nos defende deles? Esta ideia de que os homens ocidentais devem proteger as 'suas' mulheres da terrível ameaça de masculinidade estrangeira já tem vindo a ser usada há muito tempo. Foi usada para justificar a morte dos negros desde os tempos da escravatura, ainda que as mulheres negras fossem abusadas aos milhões pelos ricos proprietários de terras, que eram brancos. O neomachismo usa o sentimento nacionalista para dar aos homens brancos o papel de heróis, protegendo as 'suas' mulheres das hordas de imigrantes, muçul-

manos e transexuais. Seria mais fácil de acreditar que o AfD é um defensor das mulheres se não estivessem, por exemplo, a fazer campanhas antiaborto e contra o casamento homossexual, a tentar destruir a pouco e pouco o direito ao divórcio, a fechar creches e a querer tirar subsídios estatais a mães solteiras."

MASCULINIDADE TÓXICA VS SER HOMEM

Mas ninguém quer demonizar o homem branco, ao contrário do que dizem os neomachistas, homens que, apesar de

admitirem ter havido no passado situações de desigualdade e violência, dizem que isso hoje não acontece porque há mulheres em cargos políticos. Adotam uma estratégia de vitimização, em que reclamam que os homens agora receiam mostrar a sua masculinidade e se tornaram efeminados. "A crítica à masculinidade tóxica não deve deixar os homens fora da pedagogia, pelo contrário, não vamos desmantelar a masculinidade tóxica dizendo aos homens 'vocês já tiveram décadas e séculos de hegemonia, portanto agora é a vez da mulher'. Não estamos a falar de algo tão redutor e linear, estamos a dizer que se deve fazer uma pedagogia com todas as pessoas, precisamente para evitar que jovens rapazes depois tentem preencher vazios com chavões", reforça Ana Cristina Santos. A investigadora chama a atenção para o tra- ➤



ONDE SE INSPIRAR

Documentários e filmes que contam histórias de mulheres que lutaram pelos nossos direitos. Veja com os seus filhos e marido, eles também vão gostar de conhecer estas histórias inspiradoras.

Ashley
Graham

Quem disse que a beleza só cabe em determinadas medidas? Estas (e outras modelos) promovem uma maior diversidade no mundo da moda e beleza.



Precious Lee

Candice
HuffineIskra
Lawrence

AME O SEU CORPO

Aqui está uma luta, também ela feminista, que tem conquistado cada vez mais adeptos e libertado corpos e mentes de preconceitos. O movimento 'Love Your Body' quer acabar com a padronização dos corpos, ou não fosse a diversidade – e não o padrão – aquilo que mais nos une. Não temos todos uma impressão digital? A história da arte está repleta de exemplos que contradizem a ditadura da beleza, que o digam estas modelos que todos os dias lutam contra as ideias-feitas.

balho positivo feito pela organização brasileira não governamental Promundo, que fomenta a igualdade de género nas favelas fazendo com que os homens se preocupem em dar bons exemplos aos filhos, para não reproduzirem estratégias de violência, “promovendo modelos de masculinidade positiva, que não é boçal, violenta, e que não precisa de oprimir para se afirmar”.

Também o ex-presidente americano Barack Obama se preocupa com o problema da masculinidade tóxica, tanto que no passado mês de fevereiro foi a Oakland participar numa conferência, em que disse perante a multidão jovem presente que “ser homem não tem nada a ver com a capacidade de dominar, mas sim de ser responsável, trabalhar arduamente, ser gentil, respeitar os outros e ter compaixão. Todos nós temos de reconhecer que ser homem é sobretudo ser um bom ser humano. Se tens confiança na tua força, não precisas de me mostrar deitando abaixo outra pessoa, mostra-a ao ajudá-la a levantar-se”.

BOAS NOTÍCIAS

Apesar de termos começado por chamar a atenção para um lado mais negro do que se está a passar no mundo, queremos acabar com notas positivas e de esperança, porque muito se tem conquistado, ainda que haja um longo caminho pela frente. Talvez o que tenha permitido que o feminismo se tenha fortalecido nos últimos anos é o facto de se “sustentar na consciência das várias opções, por isso temos hoje o feminismo negro, o feminismo com deficiência, o feminismo lésbico... há vários, sem hierarquizações. Para além disso, houve uma espécie de internacionalização com recurso às redes sociais, que fomentou a criação de alianças e outras formas de reivindi-

cação”, esclarece a socióloga Ana Cristina Santos. E para isso terá contribuído também o movimento #MeToo, que fez com que muita gente se apercebesse que é um flagelo internacional e transversal. “O #MeToo também teve o extraordinário papel na denúncia e na consciência de que o trauma não prescreve e de coletivizar a questão do assédio sexual. De repente deixou de ser uma pessoa isolada e passou a ser uma multiplicação de vozes a dizer ‘eu também’, o que ajuda a pessoa a não ter vergonha de falar em voz própria, e isso é extremamente empoderador e capacitante”, remata.

EFEITO ANTI-TRUMP

Outro acontecimento que temos de celebrar é o facto de no país em que se elegeu um misógino como Donald Trump para presidente, dois anos depois os americanos mobilizam-se para votar nas Eleições Intercalares e o resultado foi uma onda de protesto com as mulheres candidatas a serem as grandes vencedoras, com a conquista de mais 42 lugares no Senado que em 2014. É bastante interessante, e um sinal dos tempos, é a diversidade das candidatas eleitas, impensável há 4 anos: várias afro-americanas, uma bissexual, duas ameríndias, duas muçulmanas, e a mais jovem de sempre, Alexandria Ocasio-Cortez, com apenas 29 anos. Não é demais lembrar as palavras de Hillary Clinton, no seu discurso de concessão em 2016: “Nunca parem de acreditar que vale a pena lutar pelo que está certo.” **A**